

FETZNER, Andréa Rosana (Org.).
Ciclos em Revista (Volume 3):
a aprendizagem em diálogo com as diferenças.
Rio de Janeiro: WAK, 2008.

Ana Claudia Gomes*

A Editora Wak lançou, no mês de março do ano corrente, o terceiro volume da coletânea Ciclos em Revista, organizada pela Professora Andréa Rosana Fetzner. Os textos do referido volume discutem o atendimento às diferenças na escola. O primeiro volume da série apresentou as conferências proferidas no II Encontro Nacional das Escolas em Ciclos, realizado no Rio de Janeiro, em 2006, e o segundo volume discutiu as implicações curriculares da desseriação.

Professores e pesquisadores de diversas instituições e redes procuram discutir, neste terceiro conjunto de textos, os princípios e pressupostos da atenção à diversidade e à heterogeneidade, primordialmente na escola em ciclos, bem como as práticas que vêm sendo construídas e podem ser compartilhadas entre os diversos atores escolares interessados nesta mesma atenção. Embora nem todos os trabalhos se refiram especificamente à organização da escolaridade em ciclos, é perceptível um arcabouço comum de concepções a respeito do homem, da sociedade e da educação, baseado em referenciais críticos e pós-críticos; tais concepções postulam uma escola acolhedora e capaz de potencializar o desenvolvimento de todos os que nela se encontram, inclusive, e com ênfase, os segmentos sociais marginalizados.

David Duran, da Universidade Autônoma de Barcelona, discute, no primeiro artigo, "Utilizar pedagogicamente as diferenças entre alunos", princípios e práticas por ele desenvolvidas na adoção da tutoria como método para enfrentar a diversidade nas salas de aula do ensino secundário espanhol (alunos de 12 a 16 anos). A experiência tem origem em contextos anglo-saxões e consiste em explorar as diferenças entre os alunos através da ajuda dos mais experientes aos menos experientes, de forma que ambos encontrem estímulo ao próprio desenvolvimento continuado. Para tanto, os procedimentos a serem adotados pelos docentes

precisam ser cuidadosamente planejados, de forma que o tutor receba orientações precisas no sentido de preparar-se para ensinar e o tutorado se sinta atendido por meio de abordagens realmente estimulantes do conhecimento. O papel do professor é crucial tanto na organização e preparação dos grupos que utilizarão o método quanto no próprio processo ativo de ensino durante as atividades de tutoria.

Duran apresenta tanto as vantagens dessa metodologia – a saber: a redução da pressão sobre os docentes advinda da necessidade de atender e avaliar quase individualmente nos contextos da heterogeneidade e sua liberação para atender os casos em que se verifica necessidade de acompanhamento mais próximo; e a mobilização da capacidade de mediação do alunado, dadas as proximidades culturais e lingüísticas que o caracterizam – quanto os limites e dificuldades encontradas: a qualidade da ajuda oferecida pelo tutor, inferior àquela que poderia ser oferecida pelo professor; o risco de supervalorização do aluno tutor; e a rejeição do método por parte das famílias. O desenvolvimento da experiência de tutoria é descrito passo-a-passo, o que permite descartar qualquer hipótese de que se trate de uma metodologia de fácil aplicação.

Delma Marcelo Santos, em sua contribuição intitulada "O avesso do avesso: (re)construindo práticas pedagógicas por meio da heterogeneidade", relata sua experiência como docente do ciclo de alfabetização da Rede Municipal de Duque de Caxias – RJ, na qual busca enfrentar os desafios da heterogeneidade das classes. Entre as práticas das quais se serve a professora, podem-se destacar: a abordagem dos conhecimentos curriculares através do tema gerador; a adoção de supostos e procedimentos avaliativos formativos, como o diagnóstico, a auto-avaliação por alunos e pais e a observação cotidiana dos alunos; a leitura e a escrita compartilhadas entre professora e alunos e com forte referência à cultura e aos saberes trazidos pelos alunos; a utilização da metodologia das "duplas ou grupos produtivos" para cooperação entre os alunos; e o trabalho coletivo entre as docentes do ciclo.

* Mestre em História pela UFMG. Professora de Pedagogia e Licenciaturas na Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Betim – MG; Assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Betim – MG. E-mail: aclaud7@yahoo.com

As “Mediações pedagógicas no processo de produção de textos” são o objeto de análise de João Wanderley Geraldi, da Unicamp. Sua reflexão começa por relacionar os novos referenciais utilizados para o ensino da língua materna, especialmente em sua forma escrita, ao processo de expansão da escolarização, conquistada como direito por amplos segmentos populacionais. Destaca-se, nesse processo, a substituição do termo “redação” pela designação “produção de texto” na escola, de maneira a enfatizar que os textos são produzidos mediante certas condições que o caracterizam.

O objetivo do trabalho é exemplificar processos de mediação pedagógica para a produção dos textos na escola, através das práticas de análise lingüística. A proposta básica de Geraldi é que o professor abandone progressivamente o papel de corretor dos textos produzidos pelos alunos, para tornar-se um co-enunciador ou co-autor desses textos, tomando-os como objeto para análise e aperfeiçoamento, ao invés de simplesmente proceder à sua “higienização”. São apresentados e discutidos textos produzidos por estudantes, de forma a que o leitor tenha idéia de que práticas de mediação o professor poderia adotar para cada caso.

Carmen Sanches Sampaio escreve “Diálogo das diferenças na sala de aula: interrogações para o processo de ensinar e aprender?”. Sua contribuição central é mostrar como, no cotidiano da sala de aula, a proposição de Vygotsky, de que o aprendiz precisa de ajuda das pessoas mais experientes para tornar suas zonas de desenvolvimento potencial em zonas de desenvolvimento real, pode ser materializada nas práticas de ajuda entre professor e aluno e entre alunos. Em outras palavras, Sampaio descreve como, em uma escola seriada do Rio de Janeiro, alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental se habituem a ajudar e a serem ajudados para a realização de tarefas curriculares, de forma que as diferenças de domínio cognitivo, ou a heterogeneidade na sala de aula, não sejam entraves à progressão das aprendizagens. Dessa forma, a escola promoveu uma criança não-alfabetizada a uma turma já alfabetizada e fê-la compartilhar atividades de leitura e escrita com colegas mais experientes, a fim de que desenvolvesse sua reflexão sobre a língua escrita. A criança foi alfabetizada ao final do primeiro ano de sua promoção.

Ainda um outro relato das práticas docentes no 1º ciclo de formação é feito por Virgínia Louzada Launé, que aborda as “Possibilidades de mediação pedagógica em uma escola ciclada” da rede municipal do Rio de Janeiro. Também neste texto, a apropriação do código e das funções e usos sociais da língua escrita é objeto de atenção. A partir do trabalho com uma obra literária, a autora relata o

desenvolvimento de uma atividade de produção de texto na qual as diferentes percepções dos alunos, suas visões de mundo e saberes são estimuladas; a seguir, as produções dos alunos servem de objeto para a análise lingüística e são discutidas conjuntamente pela turma, em perspectiva semelhante à defendida por Geraldi, em artigo anteriormente comentado. As práticas de ajuda entre alunos também estão presentes nesta experiência e a professora-pesquisadora percebe que todos os alunos escrevem, e se sentem à vontade para tal, embora apresentem diferentes graus de apropriação e uso da escrita. Assim, apesar das diferenças, encontram-se todos em processo de desenvolvimento de seus saberes sobre o escrever.

O artigo seguinte, escrito por Professor Marcos Miranda Correia, discute as “Possibilidades para o trabalho cooperativo na Educação Física e na escola”. A partir de uma reflexão sobre o papel da Educação Física tradicional no reforço de atitudes competitivas e na valorização da vitória, o autor discute um rico referencial e suas práticas, na rede municipal do Rio de Janeiro, voltados para o desenvolvimento de jogos cooperativos entre os alunos. Destaca-se a proposta, decorrente da concepção curricular multicultural do autor, de que os jogos e brincadeiras conhecidos pelos alunos sejam conteúdos das aulas e recebam adaptações para se tornarem cooperativos; um bom exemplo apresentado pelo autor é a adaptação do folguedo infantil “pique-bandeirinha”, de forma que, ao marcar um ponto, o jogador de qualquer das equipes seja transferido para o time adversário. Dessa forma, a configuração inicial das equipes muda constantemente, tornando difuso o perfil da vencedora.

Correia discute ainda as dificuldades enfrentadas na implementação de tal perspectiva, visto que a cultura envolvente segue fortemente competitiva e individualista. Recomenda que os professores introduzam os jogos cooperativos moderadamente e com recurso à constante reflexão junto aos alunos. A finalidade é que as diferenças culturais, motoras e cognitivas não ensejem a classificação e a hierarquização entre os alunos.

“A prática da docência compartilhada e dos conselhos de classe como dispositivos pedagógicos implicados na constituição do aluno” em uma escola ciclada de Porto Alegre é o objeto de análise de professoras do Grupo de Pesquisa em Educação e Disciplinamento da UFRGS. Partindo do conceito de tecnologias de governo do eu e do outro, de Michel Foucault, as pesquisadoras mostram como a escola vem recebendo importantes contingentes de alunos marginalizados em outras instituições e buscando alternativas para sua inclusão. Inicialmente adotando as turmas de progressão, propostas pela

política de ciclos da rede municipal de Porto Alegre, a escola percebeu que, em muitos casos, essa alternativa poderia reproduzir a segregação dos alunos. Então, reintegrando os alunos das TPs às turmas regulares, instituiu práticas de docência compartilhada, obtendo sucesso gradativo na constituição desses sujeitos-alunos, isto é, resgatando sua capacidade de aprender e conviver na escola. Os conselhos de classe também são importantes dispositivos pedagógicos na constituição desses sujeitos, porque ensinam a participação segundo modos dialogados e constituem canais da expressão das demandas dos alunos.

Jefferson Mainardes encerra a série de artigos com "Escola em ciclos, processos de aprendizagem e intervenções pedagógicas: algumas reflexões". Assim como em outras de suas recentes produções, sustenta firmemente que a escola em ciclos apenas pode se efetivar como uma alternativa real para o desenvolvimento escolar das classes populares se compreender mudanças em diversos aspectos de sua organização, a exemplo do currículo, da avaliação, da formação docente, da gestão e das concepções político-pedagógicas que a orientam, dentre outros. Neste trabalho em específico, porém, aborda o papel da reestruturação das metodologias e práticas pedagógicas na escola ciclada. Sua principal argumentação, nesse sentido, é a de que a escola em ciclos precisa adotar uma concepção forte do ensino. Num contexto em que a reflexão sobre as pedagogias ativas, centradas no aluno e compreendidas, talvez equivocadamente, como um enfraquecimento do papel da mediação pedagógica, Mainardes reafirma, assim como todos os demais autores dessa coletânea, a importância da concepção do processo de ensino-aprendizagem como uma ação intencional, planejada e claramente dependente das intervenções docentes. Evidentemente, isso não pode significar o apassivamento do aluno, dado que sua atividade é fundamental para que construa conhecimentos.

Além do ensino explícito, o autor apresenta evidências de pesquisa que apontam possibilidades para as práticas pedagógicas numa escola voltada para o acolhimento e o respeito às diferenças, bem como para a garantia de que todos aprendam: a adoção de pedagogias mistas, nas quais a forte presença mediadora do professor e a precisão dos critérios de avaliação são combinadas a um ritmo adequado aos processos de aprendizagem dos alunos que efetivamente se encontram em classe, à redução da hierarquização entre professor e alunos e ao fortalecimento da interdisciplinaridade; a diferenciação das tarefas propostas em sala de aula, para considerar os diferentes níveis de apropriação dos conhecimentos sistematizados pelos alunos; e a preocupação constante com a sistematização dos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula. Como conclusão, Mainardes reflete que os

professores devem lançar mão de metodologias variadas, sempre buscando propor atividades próximas do nível de desenvolvimento alcançado pelo aluno e que o desafiem a ampliar tal nível, fundamentando-se, para isso, em estratégias de avaliação diagnóstica.

Finalmente, Ivam Martins de Martins resenha a obra "Imagens quebradas (trajetórias e tempos de alunos e mestres), de Miguel Arroyo, destacando que, para este autor, o desafio mais premente para os professores, no contexto da educação escolar para todos como direito, é ver os alunos como pessoas reais, inseridas nas condições de desigualdade características da sociedade brasileira. Este desafio tem fissurado as auto-imagens docentes, as concepções destes profissionais sobre seu ofício e sobre os alunos, sendo necessário reconstruir tais imagens e concepções em novas bases, que considerem não a escola imaginada para as elites, mas a escola contemporânea, que precisa acolher o povo, na sua riqueza e diversidade.

Nesta breve síntese, destacamos os consensos político-pedagógicos que caracterizam as diversas contribuições e abordagens teórico-metodológicas dos textos presentes no volume 3 da série Ciclos em Revista, bem como destacamos as possibilidades ali discutidas de se acolher e tirar proveito da diferença na escola de hoje.